

A importância da abordagem interdisciplinar do texto literário

The importance of the interdisciplinary approach to the literary text

Érica Cayres Rodrigues¹

Marcela Regina Stein dos Santos²

Elisabete Ferraz Sanches³

Resumo: O grande desafio da escola é criar possibilidades para que os alunos se constituam como leitores dos diversos gêneros textuais circulantes na sociedade, tornando o ato de ler uma necessidade vital. Ocorre que, quando se trata de literatura, o desafio se torna maior, pois os estudantes relacionam literatura a uma leitura escolar obrigatória, distante de seu mundo cotidiano e, portanto, não produz sentido para eles. Nesse cenário, busca-se responder à seguinte questão norteadora: como a leitura interdisciplinar de textos literários pode contribuir na construção de conhecimentos necessários para a formação de seres humanos capazes de compreenderem a si mesmos e o mundo em que estão inseridos? A partir dessa questão, foi realizado um projeto de ensino interdisciplinar com o objetivo de promover a leitura do livro *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, sob a perspectiva histórica, filosófica e geográfica, para que os alunos sentissem a necessidade de ler e se apropriassem dos conhecimentos produzidos pela cultura humana, materializados em palavras e imagens. A base teórica foi constituída principalmente pela leitura de Edgar Morin (2000; 2014), especialmente o conceito de pensamento complexo; Fazenda (2003; 2008), sobre a interdisciplinaridade; Freire (1989), Lajolo (2001), Kleiman e Moraes (1999) e Zilberman e Rosing (2009) e Arena (2003; 2010), sobre o ensino de leitura e literatura. Como resultado, observou-se que o projeto interdisciplinar possibilitou um espaço dialógico de leitura, de fala, de escuta entre todos os envolvidos na atividade. Dessa forma, a leitura de textos literários começa a fazer sentido e, conseqüentemente, torna-se uma necessidade vital.

Palavras-chave: Educação; Leitura; Literatura; Interdisciplinaridade.

Abstract: The school's greatest challenge is to create possibilities for students to constitute themselves as readers of the various textual genres that circulate in society, making reading a vital necessity. It turns out that when it comes to literature the challenge becomes even greater, as students relate literature to mandatory school reading from a distant world, and, therefore, it does not produce meaning for them. In this scenario, we seek to answer the following guiding question: how can the

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da FFC - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília. Professora do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). erica.rodrigues@ifro.edu.br; <https://orcid.org/0000-0003-0243-4534>.

² Tradutora e intérprete de Linguagem de Sinais - Libras do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) - Campus Jaru. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Rondônia. Integrante do Grupo de Pesquisa em Diversidade, Acessibilidade e Educação Inclusiva (GPDIN). marcela.santos@ifro.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-6469-9418>.

³ Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) - Campus Jaru. Mestra e Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Integrante do Grupo de Estudos Teóricos e Literários da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) <https://orcid.org/0009-0006-5876-8372>

interdisciplinary reading of literary texts contribute to the construction of knowledge necessary for the formation of human beings capable of understanding themselves and the world in which they live? Based on this question, an interdisciplinary teaching project was carried out with the aim of promoting the reading of the book *Terra Papagalli*, by José Roberto Torero and Marcus Aurelius Pimenta, from different perspectives so that students feel the need to read and appropriate knowledge produced by human culture, materialized in words and images. For this, the theoretical basis was mainly constituted by the reading of Edgar Morin (2000; 2014), especially the concept of complex thinking, Fazenda (2003; 2008) on interdisciplinarity, Freire (1989), Lajolo (2001), Kleiman e Moraes (1999) and Zilberman and Rosing (2009), Arena (2003; 2010) on teaching reading and Literature. As a result, it was observed that the interdisciplinary project enabled a dialogical space for reading, speaking and listening among everyone involved in the project. In this way, reading literary texts begins to make sense, consequently, it becomes a vital necessity.

Keywords: Education; Reading; Literature; Interdisciplinarity

Introdução

Tornar-se leitor, em uma sociedade letrada, tecnológica, globalizada e complexa, é imprescindível na construção de conhecimentos necessários para os seres humanos compreenderem o mundo em que vivem (HERNANDEZ; VENTURA, 1998, p. 79). Para isso, a escola, instituição responsável pela socialização dos saberes sistematizados e historicamente construídos (SAVIANI, 2011, p. 14), deve propiciar a prática significativa de leitura literária aos estudantes para a formação de um aluno-leitor, capaz de refletir criticamente sobre si e sobre o mundo, a partir das vozes circulantes nos diversos gêneros do discurso, que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2020, p. 12), produzidos para atender às diversas atividades humanas que necessitam da linguagem para sua concretização. Assim sendo, a condição humana e toda a sua complexidade se tornará objeto principal da aprendizagem, de modo que o aluno se reconheça como humano e também reconheça o outro (MORIN, 2000).

Diante disso, as instituições educacionais precisam urgentemente refletir sobre as estratégias do ensino de leitura, em todas as suas dimensões e níveis, haja vista que as escolas possuem um papel fundamental na formação de leitores, pois, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), em seu art. 2º, a educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Nessa linha de raciocínio, a leitura precisa ser desmistificada como um lugar mágico, idealizado e encantador, desenvolvida por meio de hábitos, gosto ou prazer. Nas palavras de Arena (2003, p. 60),

[...] não há nem hábito a ser formado, nem gosto a ser criado, nem prazer a ser desenvolvido ou despertado nas práticas das leituras. Há necessidades provocadas pelas circunstâncias criadas pelas relações entre os homens, ancoradas no conhecimento que tem o leitor sobre o próprio conhecimento, sobre a língua e sobre as operações que estabelecem a relação grafo-semântica entre o leitor e o escrito (ARENA, 2003, p. 60).

Então, lê-se para atender a uma necessidade vital, a um objetivo, a uma intenção. Para isso, a escola deve ser um espaço que provoque essas necessidades, sobretudo a de ir ao encontro dos textos literários, já que estes promovem a ampliação dos conhecimentos das mais diversas áreas do saber, ou seja, estabelecem diálogo com todas as disciplinas, de tal maneira que possibilitam romper com a concepção do conhecimento fragmentado. Para além disso, a literatura é constituída a partir da relação homem/mundo; conseqüentemente, proporciona uma relação dialógica entre o leitor, o texto e a vida. Dessa forma, Ricardo Azevedo (2004, p. 9), reafirma a necessidade de a literatura “ser compreendida como um modelo de pensamento que recorre à ficção e à poesia para interpretar e dar significado à vida e ao mundo”.

A literatura é uma manifestação artística indispensável para a formação cultural e social de um povo. De acordo com Antonio Candido (1972), ela pode formar, não no sentido pedagógico da palavra, mas como um dos meios através dos quais o jovem entra em contato com realidades que “se tenciona escamotear-lhe” (CANDIDO, 1972, p. 55). No ensino médio, normalmente “os textos literários, quando comparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeados” (COSSON, 2009, p. 21), tornando a leitura literária um exercício mecânico e sem sentido para os jovens. É necessário, portanto, pensar estratégias interdisciplinares que promovam a prática de leitura literária mais ampla e “globalizante” (GADOTTI, 2018). Para isso, o espaço educacional precisa ser transformado em “espaços significativos de aprendizagem” e, sobretudo, “romper com o modelo fragmentado de Educação” (HERNANDEZ; VENTURA, 1998), transformando-o em “um lugar de construção, de relações verdadeiramente sólidas” (Gadotti, 2018, p. 19).

Nessa perspectiva, as professoras de Língua de Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) - *Campus* Jaru propuseram a seguinte reflexão: como a leitura interdisciplinar de textos literários pode contribuir na construção de conhecimentos necessários para a formação de seres humanos capazes de compreenderem a si mesmos e o mundo em que estão inseridos?

Com base nessa reflexão, as citadas professoras realizaram um projeto de ensino, com o objetivo de promover a leitura do livro *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (2011), a partir de diversas perspectivas, para que os alunos sentissem a necessidade de ler e se apropriassem dos conhecimentos produzidos pela cultura humana, materializados em palavras e imagens.

O projeto foi desenvolvido nas turmas dos primeiros anos dos cursos técnicos em Alimentos, Comércio e Segurança do Trabalho integrados ao Ensino Médio, do IFRO - Campus Jaru, proporcionando a leitura do livro *Terra Papagalli* em uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo Literatura, História, Geografia e Filosofia. A base teórica foi constituída principalmente pela leitura de Edgar Morin (2000; 2014), especialmente sobre o conceito de pensamento complexo; Fazenda (2003; 2008), sobre a interdisciplinaridade; Freire (1989), Lajolo (2001), Kleiman e Moraes (1999), Zilberman e Rosing (2009) e Arena (2003; 2010), sobre o ensino de leitura e literatura.

1 Considerações sobre o ato de ler

Pensar sobre o conceito de leitura exige compreender, primeiramente, a leitura como um processo imbricado na história da humanidade. Assim, como a história da humanidade passou por diversos ciclos influenciados por interesses de determinados grupos sociais, a concepção do que é ler também pode ser vista sob diversas perspectivas: desde o entendimento da leitura como processo de alfabetização, ou seja, de aprender a decodificar os signos, ao de letramento, no qual a leitura passa a ser compreendida como prática social e cultural da linguagem.

Para este estudo, o ato de ler tem como princípio básico o pensamento de Paulo Freire (2003, p. 11), segundo o qual “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura”. A partir dessa afirmação, a leitura não se restringe apenas ao processo de decodificação, mas a uma prática social e cultural; portanto, é uma atividade complexa, que exige articular diversos saberes.

Assim, ler deve ser uma prática que ultrapasse a mera decodificação de sinais gráficos, pois o ato de ler é uma forma de apropriar-se da cultura humana e, por conseguinte, a escola deve ensinar a língua não simplesmente como um instrumento de comunicação, mas sim como um instrumento do pensamento (ARENA, 2010; VYGOTSKY, 2000). Nas palavras de

Arena (2010, p. 242), deve-se aprender a ler porque “[...] é necessário para a transformação contínua, progressiva, para um modo cada vez mais abstrato e profundo de pensar, que somente a relação com essa tecnologia chamada escrita pode proporcionar ao homem”. Para tanto, aprender o ato de ler exige do professor organização e planejamento intencional de estratégias que levem os alunos a criar necessidade de ler, a se apropriar dos diversos modos de ler, possibilitando ao leitor uma interação com o texto a ser questionado, criticado e avaliado em um processo dialógico.

2 Por que interdisciplinaridade?

De acordo com Paulo Freire (1989), a linguagem e a realidade estão intrinsecamente relacionadas, de forma dinâmica; desse modo, para se alcançar a leitura e a compreensão crítica do texto, é necessária “[...] a percepção entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1989, p. 20). O autor afirma que “[...] um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade” (FREIRE, 1989, p. 73).

Os conhecimentos advindos da História, Filosofia, Sociologia e Geografia contribuem para o processo da construção da leitura crítica dos textos literários, conforme também preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM):

[...] a interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 2002, p. 89).

Destarte, projetos interdisciplinares possibilitam a formação de leitores capazes de perceber que a literatura é verossímil, registra a experiência humana, é variada, complexa e se materializa nas diferentes áreas do conhecimento (Morin, 2000). Ler textos literários é ler o mundo por diferentes prismas e estabelecer diálogos com outras referências culturais e científicas; mas, quando se trabalham os conhecimentos compartimentados, os alunos se tornam seres adaptados à sociedade, porém impedidos de compreender os problemas do mundo e de si mesmos (MORIN, 2014, p. 2).

Dessa forma, por meio do projeto de ensino interdisciplinar, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer outras narrativas referentes ao processo de colonização do Brasil e,

com isso, perceberam a importância da construção discursiva na formação da identidade, da cultura, da sociedade, sobretudo, tornando a leitura literária significativa.

De acordo com Morin (2000; 2014), a sociedade vive o “paradigma da simplicidade”, pois a construção dos saberes está alicerçada na fragmentação dos conhecimentos; conseqüentemente, produz-se o que o autor chama de “inteligência cega”, pela qual os fenômenos, o homem, a cultura, a identidade e o mundo são analisados e percebidos por ângulos isolados. Enquanto isso, a realidade produz cada vez mais um cenário global, múltiplo, complexo e de aceleradas mudanças, um espaço de constantes incertezas e transformações.

Urge ressignificar o espaço educativo, “romper paradigmas de pertencimentos tradicionais” (GADOTTI, 2018), isto é, romper com o pensamento simplificador, abrindo espaço para o pensamento complexo. Morin (2014, p. 20) considera que a “complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal”. Na concepção do autor, “[...] Apenas o pensamento complexo nos permitirá civilizar o nosso conhecimento” (MORIN, 2014, p. 23).

Partindo desse pressuposto, projetos de ensino interdisciplinares podem possibilitar o desenvolvimento do pensamento complexo, pois proporcionam o diálogo entre diversos saberes e os atores envolvidos no processo de construção do conhecimento, fazendo com que a produção de conhecimento seja coletiva. Assim, os envolvidos aprendem a ouvir, a se posicionar, a respeitar as diversas perspectivas, a lidar com as emoções, frustrações, medos e insegurança e, sobretudo, a compreender a complexidade do ser humano e do mundo.

Como afirma Fazenda (2008, p. 17), a interdisciplinaridade exige “atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento” e isso requer mudanças de posturas: não haverá centralidade nem no aluno nem no professor, pois todos se tornam colaboradores ativos nesse processo permeado de “espera, coerência, humildade, respeito e desapego” (FAZENDA, 2008, p. 25). A relação professor-aluno deve ser de parceria pautada na alteridade.

Assim sendo, o trabalho interdisciplinar precisa ser uma prática constante de reflexão e ação de toda a comunidade escolar. Para Fazenda (2008), a execução de uma tarefa interdisciplinar pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar, isto é, perceber a “importância das partes na constituição do todo e do todo nas partes”, como ensina Morin (2014, p. 109). Se não houver essa percepção, a visão fica distorcida, dissociada e unilateral, pois é a partir dessa relação entre as partes e o todo que se compreende a complexidade do

“eu”, do “outro” e do “mundo” e, conseqüentemente, é possível se tornar um sujeito; e ser sujeito, nas palavras de Morin (2014, p. 96), “é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente. É ser provisório, vacilante, inseguro, é ser quase tudo por si e quase nada pelo universo”.

3 Literatura e interdisciplinaridade

A literatura é a arte da palavra, manifestação artística indispensável para a formação cultural e social de um povo. Nesse sentido, é um campo naturalmente interdisciplinar, pois, por meio dela, o leitor terá contato com uma diversidade de expressões linguísticas, culturais, sociais, identitárias, com diversos assuntos e temas que envolvem o ser humano e os grupos sociais dos quais faz parte.

Dessa forma, a literatura se constitui a partir da relação homem/mundo, o que proporciona uma relação dialógica entre leitor e texto. Nessa relação, “lê-se para entender o mundo, para viver melhor” (LAJOLO, 2001, p. 7). Nessa ótica, a escola tem um papel fundamental, pois ela deve criar espaços para desenvolver habilidades de leitura significativa (AUSUBEL, 1982) para os alunos. Para isso, os educandos precisam “construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento” (KLEIMAN; ROSING, 1999, p. 91); daí a importância de trabalhar literatura na perspectiva da interdisciplinaridade, para articular os saberes e superar a visão fragmentada das realidades. Segundo Morin (1987, p. 30), com a interdisciplinaridade,

[...] procura-se estabelecer um método, o menos mutilante possível, que permita estabelecer o diálogo entre conhecimentos dispersos, fazendo-os desembocar numa compreensão da realidade o mais globalizadora possível. Para tanto, o operador do conhecimento deve tornar-se, ao mesmo tempo, o objeto e o agente do conhecimento.

Como ensina Barthes (2004), a literatura assume muitos saberes simultaneamente, como o histórico, o geográfico, o social, o técnico, o botânico, o antropológico. Para o autor, se todas as disciplinas fossem expulsas do ensino regular, a literatura deveria ser salva, por nela estarem presentes todas as ciências: “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. [...] A literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta” (BARTHES, 2004, p. 8). Embora faça circular esses saberes, “a literatura não diz que

sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas - que sabe muito sobre os homens” (BARTHES, 2004, p. 18).

Nesse caminho, compreende-se a literatura como um espaço de apropriação dos saberes interdisciplinares, sendo o professor um agente mediador nesse processo, para que os alunos possam construir conhecimento amplo da realidade onde estão inseridos. Isso proporcionará a eles a compreensão do homem, do mundo e de si mesmos, a partir de uma ótica global, e a capacidade de construir sentidos a fim de lidar com as adversidades da vida, pois os educandos irão “entender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade, bem como o sentido do objeto por meio do qual ela se concretiza: a obra literária” (ZILBERMAN; ROSING, 2009, p. 30).

Há quem considere a literatura dispensável e destinada a um grupo seletivo, detentor da capacidade hermenêutica de interpretar os enigmas de um texto. Antonio Candido (2004), no entanto, defende a literatura como um direito de cada cidadão, assim como o direito à vida, à alimentação, à saúde. Segundo o autor, é por meio da literatura que o indivíduo exercita sua capacidade de sonho e reflexão, adquire conhecimento, desenvolve boa vontade em relação ao próximo, consegue refinar o trato com suas próprias emoções e perceber a profundidade e a complexidade dos problemas do mundo; desse modo, a literatura torna o sujeito mais compreensivo em relação ao que está a sua volta e, nesse sentido, coloca-se como um meio de sensibilização dos homens, para que haja diálogo e compreensão entre eles. Para Edgar Morin (2000), se a capacidade de compreensão da complexidade do homem e sua condição no mundo está entre os principais saberes a serem aprendidos no século XXI, o letramento em ambiente escolar torna-se necessário para o desenvolvimento de tal habilidade.

De acordo com Antonio Candido (1972), a literatura é formadora, ao colocar o leitor em contato com realidades diferentes, diversas culturas, pontos de vistas, épocas, sentimentos. A leitura, portanto, torna-se fundamental para a formação cultural e social do sujeito, além de ampliar o campo de visão do leitor, já que a “experiência literária não só permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (COSSON, 2009, p. 17).

A formação de leitores, todavia, não é natural ou “espontânea”; pelo contrário, de acordo com o neurobiólogo Francisco Mora (2020, p. 21), a leitura e a escrita não têm base genética, mas constituem um processo artificial, criado pela cultura, para fins de comunicação. Não sendo natural, “é preciso instrumentar o estudante para que aprenda a ler,

processo que vai muito além da decifração de palavras e frases, comum na sala de aula: em vez de ler o texto, o aluno o fragmenta em partes, construindo um sentido para cada uma das palavras e frases” (KLEIMAN; MORAES, 1999, p. 122). Destarte, é essencial ir além da decifração de palavras até a compreensão e interpretação de um texto, para que sejam formados leitores aptos à reflexão e exposição de ideias de maneira coerente e consistente, seja oralmente, seja por escrito.

Paulo Freire (2011) lembra que a linguagem e a realidade estão intrinsecamente relacionadas, de forma dinâmica; assim, para que seja alcançada a leitura e a compreensão crítica do texto, deve-se atentar ao contexto de sua produção e aos elementos que o compõem. A leitura só é possível quando o sujeito se torna capaz de ler os textos, entendê-los, estudá-los, reproduzi-los e, então, produzir um discurso próprio cheio de amálgamas do discurso do outro. Como ensina Cosson (2009, p. 27), “ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva”.

Ingedore Koch e Vanda Elias (2006) também entendem o ato de ler atrelado às concepções de sujeito, da língua, do texto e seu sentido, isto é, trata-se de um processo de interação complexo para produção de sentido enquanto fenômeno social e cultural. Assim, a prática da leitura não pode ser descontextualizada, mas considerada um processo dinâmico e de interação que, no âmbito escolar, exige do docente constante busca de estratégias viáveis à cada grupo de estudantes; afinal, “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2009, p. 27). Segundo o autor, “a leitura é um diálogo que se faz com o passado”, determinado por um contexto social, e “envolve o leitor, o texto, o autor e o contexto” (COSSON, 2009, p. 14), similarmente ao que afirma Lois (2010, p. 22): “reconhecer a inferência da cultura na aprendizagem da leitura é admitir o sujeito letrado. É afirmar a existência do leitor antes do texto. É não banalizar sua história e a história da cultura da qual faz parte”.

4 *Terra Papagalli*: uma leitura interdisciplinar

O livro *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta (1997), é uma ficção histórico-satírica do processo de colonização do Brasil. Fruto de pesquisas dos autores, trata-se de uma paródia do descobrimento contada a partir do olhar dos “degradados”,

ou seja, dos condenados ao exílio que chegaram ao Brasil nos navios de 1500. A personagem principal dessa narrativa é Cosme Fernandes, o “Bacharel da Cananeia”, um degredado narrador de sua condenação, viagem, chegada à “terra dos papagaios” e sua permanência em meio aos nativos.

Durante a história, percebem-se os arranjos e desarranjos na chegada dos portugueses ao Brasil, com seus mandos e desmandos que engendrariam o *modus operandi* da sociedade brasileira durante os séculos seguintes. Com humor e deboche, os capítulos apresentam, inclusive, as conclusões e conselhos do narrador, Cosme Fernandes, descritos nos “Dez mandamentos” para se viver bem na terra dos papagaios, tais como: saber presentear, fazer alarde por qualquer coisa, mentir sem parcimônia ou medo de castigo, “cada um que cuide de si”, aquietar os inimigos com empregos, título e honras, enfim, mostra que nessa terra “quem não come é comido”.

A partir dessa obra bem-humorada e de linguagem acessível, o projeto aconteceu no decorrer do segundo bimestre do ano letivo de 2021, no IFRO - *Campus Jarú*. As ações educacionais propostas foram: sensibilização para a leitura; mesa redonda interdisciplinar com os professores das áreas envolvidas; estudo dirigido do livro; escrita de resenha crítica da obra. Participaram do projeto os alunos das três turmas dos primeiros anos do ensino médio e os professores das disciplinas de Língua Portuguesa, História, Filosofia, Sociologia e Geografia.

Inicialmente, as professoras de Língua Portuguesa apresentaram o projeto aos alunos. Nessa etapa de sensibilização, houve a apresentação e discussão da obra literária *Terra Papagalli*, sob a ótica do pós-colonialismo, com a apresentação de conceitos dessa teoria. Em seguida, houve a leitura dirigida de alguns capítulos do material literário no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), com o objetivo de despertar a curiosidade e o interesse pela leitura do livro.

Os discentes tiveram a oportunidade de participar da mesa redonda intitulada *Terra Papagalli sob diversas perspectivas*, composta pelos professores de História, Filosofia, Sociologia e Geografia. Na ocasião, cada professor apresentou reflexões trazidas pela leitura do livro, sob a perspectiva das referidas disciplinas, conforme cada área. No contexto histórico do processo de colonização, foram abordadas questões históricas, políticas e culturais presentes na carta do descobrimento, escrita por Pero Vaz de Caminha, e foram trazidas informações para ampliar o conhecimento dos discentes acerca dos reais aspectos que

envolvem o processo de colonização do Brasil, a partir do olhar dos nativos colonizados e não mais pelo olhar do colonizador. O professor de Filosofia abordou os conceitos de ‘mito’ e de ‘discurso ideológico’ relacionados ao processo de dominação do colonizador sobre o colonizado, por meio da palavra (discurso), contribuindo para a discussão e desconstrução do imaginário europeu e do mito de um “Novo Mundo”, amplamente perpetuado ao longo dos anos escolares no país.

Por meio dessa perspectiva interdisciplinar, foram discutidos aspectos sociológicos, como a formação cultural do povo brasileiro a partir da pós-colonização, por meio dos traços culturais presentes em nossa cultura, herdados dos povos que compuseram a formação inicial do processo de colonização e dominação do território hoje compreendido como Brasil. A leitura interdisciplinar permitiu abordar aspectos importantes da América Latina, sua colonização e especificidades, mostrando o pioneirismo português na navegação, o uso das tecnologias, os conhecimentos geográficos da época - base da cartografia atual - e a formação do território nacional.

Na sequência das atividades do projeto, os alunos participaram de uma oficina intitulada *Conhecendo o gênero Resenha*, ministrada pelas professoras de Língua Portuguesa. A partir da leitura do livro, da mesa redonda e da oficina, foi realizado um estudo dirigido aos alunos para troca de impressões sobre a leitura da obra literária escolhida, culminando com a proposta de produção de uma resenha crítica do romance estudado.

Considerações Finais

É evidente o desafio da escola quando se trata da formação de leitores capazes de ler, compreender e interpretar os diversos gêneros textuais produzidos pela sociedade, especialmente quando os textos literários são vistos como pouco interessantes pelos alunos, que consideram sua leitura apenas como mais uma obrigação escolar. Como foi evidenciado, a literatura é um direito do cidadão, uma possibilidade de amadurecimento e compreensão do mundo e de si mesmo e, assim sendo, a escola é o espaço para o seu conhecimento e a interdisciplinaridade uma prática pedagógica para ampliar a perspectiva de leitura e construção de conhecimentos, especialmente criando a necessidade de ler nos alunos.

Nesse caminho, o projeto interdisciplinar possibilitou um espaço dialógico de leitura, de fala, de escuta e compreensão entre todos os envolvidos no projeto. Com ele, os alunos perceberem o quanto a literatura faz o registro da experiência humana e, portanto, ler obras

literárias é ler o mundo por diferentes prismas; por isso, ela está em diálogo com outras referências culturais, científicas e com a própria vida cotidiana. Assim, a literatura começa a fazer sentido e se torna uma necessidade vital do humano, que vai se tornando cada vez mais humano com ela e por meio dela.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL, 2004. ISBN 85-7338-927-3.

ARENA, Dagoberto Buim. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. In: MORTATTI, M. R. L. (Org.) **Atuação de professores**: propostas de ação reflexiva no ensino fundamental. Araraquara, SP: JM Editora, 2003, p. 53-61.

ARENA, Dagoberto Buim. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 237-247, jan/jun. 2010.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, 1972.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004,

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2020.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil/03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 jan. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 11ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

GADOTTI, Moacir; ANTUNES, Ângela; ABREU, Janaina; PADILHA, Paulo. **A escola dos meus sonhos.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.

HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho:** o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 1ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

LOIS, Lena. **Teoria e prática de leitura:** formação do leitor. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KLEIMAN, Angela B.; MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade:** tecendo redes nos projetos da escola. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

MORA, Francisco. **Neuroeducación y lectura.** España: Alianza, 2020

MORIN, Edgar. **O método III:** o conhecimento do conhecimento. Lisboa: Europa-América, 1987.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes:** o desafio para o séc. XXI. São Paulo: Bertrand 2014.

PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto. **Terra Papagalli.** Rio de Janeiro. Objetiva, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

YIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente.** Trad. José Cippola Neto *et al.* 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.